

Incorporação nominal, inergatividade e estrutura causativa em Tenetehára¹

Fábio Bonfim Duarte²
Ricardo Campos Castro³

1. Introdução

Este artigo tem por objetivo a análise de construções transitivas que apresentam o objeto direto incorporado à raiz verbal. Nessas estruturas, quando o argumento interno se incorpora à raiz verbal, nota-se que, em geral, há perda de material fônico, de tal sorte que o objeto e o verbo formam uma unidade morfossintática complexa. O resultado desse processo é uma configuração sintática de natureza inergativa, tendo em vista que o objeto se move de uma posição argumental para a posição de núcleo da raiz verbal, conforme se vê pelos exemplos a seguir.

- (1a) *u-ʔi-ʔu*
3-água-ingerir
“(Ele) bebe (água)”.
- ↓
- (1b) *u-i-ʔu*
3-água-ingerir
“(Ele) bebe (água)”.

¹ Tenetehára is a language spoken by two indigenous groups: the Tembé and the Guajajara. The Tembé group lives in the border of the States of Maranhão and Pará and the Guajajara group lives in the State of Maranhão, in the north of Brazil. According to Rodrigues (1986:39), they consist of approximately 7,100 people and belong to the Tupí-Guaraní family, Tupí Stock.

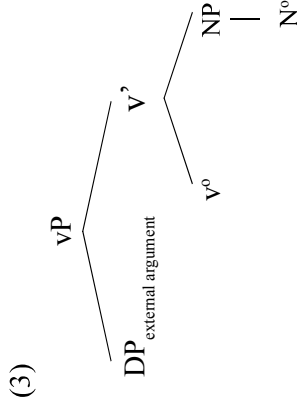
² Professor Doutor do Departamento de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Email para contato: fbonfim@terra.com.br. / Portal: www.lettras.ufmg.br/fbonfim.

³ Mestre em Linguística /FALE/UFMG. Email para contato: ricardorrico@uol.com.br.

- (2a) *u-maʔe-ʔu*
3-coisa-ingerir
“(Ele) comeu (algo)”.
- ↓
- (2b) *u-mai-ʔu*
3-coisa-ingerir
“(Ele) comeu (algo)”.

Notem que os sintagmas *ʔa* ‘água’ e *maʔe* ‘coisa’ sofrem reduções morfofonológicas ao se incorporarem à raiz, de tal forma que o item lexical *ʔa* reduz-se a *i*, em (1b), e o item *maʔe* transforma-se em *mai*, em (2b). Outro efeito colateral da incorporação tem a ver com o fato de que as configurações inergativas em (1) e (2) não podem exibir alternâncias, como as que ocorrem, por exemplo, no português, em que o verbo transitivo pode figurar em duas construções sintáticas distintas, uma, transitiva como em ‘*O vento quebrou o vaso*’ e outra, inacusativa como em ‘*O vaso quebrou*’. A razão é simples: tendo o objeto incorporado à raiz verbal, não haverá condições sintáticas que permitam a alternância transitiva/intransitiva. Por esta razão, assumiremos, durante o desenvolvimento deste artigo, que as construções em (1) e (2) são o reflexo de um epifenômeno mais geral de redução de valência verbal, o qual, nos contextos em tela, corresponde ao mecanismo sintático que gera verbos inergativos.

Outro objetivo deste artigo é avaliar a hipótese desenvolvida por Hale e Keyser (1993, 2002) segundo a qual verbos inergativos são, ao final de contas, verbos transitivos implícitos, visto que são derivados a partir da incorporação do argumento interno ao núcleo da estrutura *vP*. Hale and Keyser (1993, 2002) assumem que verbos inergativos são denominais no sentido de que são derivados a partir de nomes. Esta assunção pressupõe que verbos como *laugh*, *sneeze*, *neigh*, *dance*, *calve* possuem a estrutura sintática abstrata delineada em (3)



Interessa-nos, ainda, o estudo do escopo morfosintático do prefixo causativo *{mu-}*. A hipótese que desenvolveremos é que esse prefixo deve ser descrito como sendo a realização morfológica do verbo causativo no núcleo da estrutura *vP*. Em geral, o que se nota é que esse morfema pode se juntar a verbos inacusativos, inergativos, descritivos e até mesmo a nomes para formar verbos transitivos. Por fim, pretendemos evidenciar que o prefixo reflexivo *{ze-}*, quando figura em contextos de incorporação nominal, exige que o nome incorporado seja de natureza [+INALIENÁVEL]. Investigaremos também os contextos em que esse mesmo prefixo figura sem que haja incorporação de um objeto à raiz verbal. A hipótese que desenvolveremos é a de que, nesses contextos, a presença do prefixo *{ze-}* faz emergir o que tradicionalmente a literatura lingüística rotula de voz reflexiva.

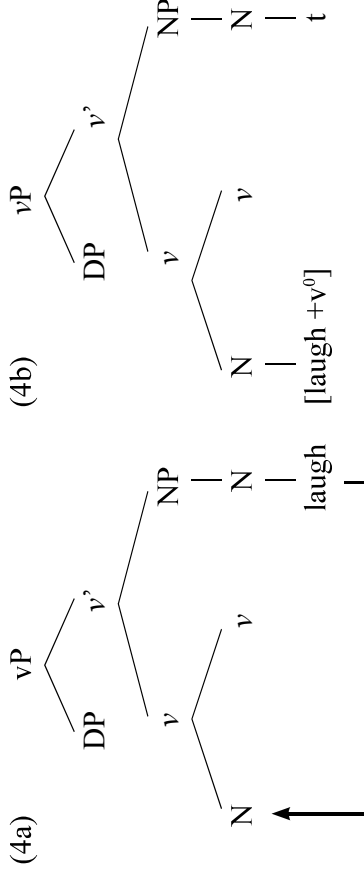
Este trabalho está organizado em quatro seções. Na seção 2, fazemos uma breve retomada da proposta teórica desenvolvida por Hale e Keyser (1993, 2000); na seção 3, investigamos os contextos de incorporação do objeto à raiz verbal transitiva; na seção 4, propomos que, em contextos de incorporação nominal, o reflexivo *{ze-}* sinaliza que o objeto incorporado deve possuir natureza [+INALIENÁVEL]; na seção 5, mostramos que a voz reflexiva ou medial emerge nos contextos em que o morfema *{ze-}* não coocorre com um objeto incorporado. Por fim, apresentamos as considerações finais.

2. O fenômeno da Inergatividade

No âmbito da literatura gerativa dos últimos anos, há a assunção de que verbos inergativos diferem dos verbos inacusativos pelo fato de os inergativos precisarem de s-selecionar um $\text{DP}_{\text{agente}^3}$, enquanto os inacusativos necessitam de s-selecionar apenas um $\text{DP}_{\text{afetado/tema}^4}$. Outra diferença bastante relatada na literatura lingüística se relaciona ao fato de os inergativos⁴, em muitas línguas, poderem emergir como verbos biargumentais, podendo selecionar tanto um argumento interno quanto um argumento externo. É por esta razão que os verbos inergativos representam a subclasse mais simples do que Hale e Keyser (1993:54-55) chamam de verbos denominais. No inglês, esses verbos possuem uma projeção lexical inicial que inclui um verbo e um complemento. Nesta perspectiva, os verbos inergativos são denominais

⁴ Hale and Keyser (1993:55) assumem o seguinte: “The so-called unergative verbs (...), all called simply (true) intransitive verbs (Burzio 1981), represent by far the simplest class of denominal verbs derived by incorporation. For English, these include, among many others, the verbs *laugh*, *sneeze*, *neigh*, *dance*, *calve*.”

no sentido de que são formados pela operação *conflation* do núcleo N^0 ao núcleo v^0 que o seleciona. Assim sendo, assumiremos, doravante, que verbos intransitivos de ação, como *laugh*, *sneeze*, *neigh*, *dance*, *calve*, são formados pela operação de *conflation*, tal como indicada pela derivação em (4a) e (4b), a seguir:



Vemos que, nas estruturas em (4), o núcleo N^0 se move para a posição de núcleo de vP , de modo que a sua matriz fonológica é transferida para o núcleo v^0 . Esse movimento, que é um tipo de operação variante de *Mover- α* , se conforma ao princípio que restringe o processo de incorporação sintática, mais precisamente à restrição de movimento de núcleo, segundo a qual um núcleo X^0 se move somente para a posição do núcleo Y^0 mais próxima que o rege. Uma evidência a favor de se postular a incorporação do complemento pode ser encontrada pelo fato de as estruturas inergativas do português, em (5a) e (6a), poderem sofrer paráfrases do tipo “X é a causa de um evento de risada” ou “X correu uma corrida”, conforme as leituras apresentadas nos exemplos (b) a seguir:

(5) a. O menino riu.

b. O menino deu um riso.

(6) a. O menino correu.

b. O menino deu uma corrida.

Esta hipótese teórica é ainda mais reforçada pela observação de que inergativos podem vir realizados em muitas línguas por meio de uma estrutura transitiva simples, conforme os dados do Basco, retirados de Laka (1993:152-153).

(7) *Nik lan egin dut*
I-ERG work done have-me
“I worked” (I did work).

(8) *Nork negar egin dut*
I-ERG cry done have-me
“I have cried”.

(9) *Nik eztul egin dut*
I-ERG cough done have-me
“I have coughed”.

(10) *Nik oihu egin dut*
I-ERG scream done have-me
“I have screamed”.

Observem que os verbos de (7) a (10) são todos transitivos. Tal fato revela que, no Basco, existe efetivamente o objeto na estrutura sintática nas construções que, no português e no inglês, equivalem a verbos inergativos. Outra evidência de que os inergativos são, de fato, verbos transitivos no Basco surge dos diagnósticos apresentados por Uribe-Etxebarria (1989). Segundo esta autora, no Basco, somente D/NPs não incorporados à raiz podem vir separados do verbo causativo *egin* “fazer”, particularmente quando este último figura na periferia esquerda da sentença. Este é justamente a situação sintática que emerge nos exemplos a seguir:

(11a) *Nik lan egin dut*
I-ERG work done have-me
“I worked” (I did work).

(11b) *nork egin behar du lan?*
who-Erg done must have work
“Who must work?” (“Who must do work?”). Laka (1993:152)

Notem que o fato de o verbo leve *egin* ‘fazer’ figurar em segunda posição na sentença, separado do objeto, serve de evidência para mostrar que o verbo e o objeto de fato não constituem um estrutura morfológica complexa

Linguística

(18b) u-pina-itik
3-anzol-jogar
“(Ele) joga (anzol)”.

(18c) u-pina-ʔo-na-ʔok
3-anzol-puxar-RED-RED
“(Ele) puxa (anzol)”.

(19) u-pira-poɟ
3-peixe-alimentar
“(Ele) alimenta (peixe)”
[Lit: “Ele pesca”.]

(20a) u-piʔa-hiw
3-barriga-limpar
“(Ele) limpa (tripa de animal)”.

↓

(20b) u-pi-hiw
3-barriga-limpar
“(Ele) limpa (tripa de animal)”.

(21) u-zuru-piter
3-boca-chupar
“(Ele) beija”
[Lit: “Ele chupa boca”.]

(22) u-zuru-peka
3-boca-abrir
“(Ele) dá bocejos”
[Lit. “Ele abre boca”.]

(23) u-timi-zeʔen
3-lábio-falar
“(Ele) assobia”

Harrison (2007)

Os dados de (15) a (23) dá sustentação adicional à nossa hipótese segundo a qual a operação sintática de formação de verbos inergativos são, ao final de contas, o reflexo de um fenômeno mais geral de diminuição de valência. Em suma, os dados acima mostram que o verbo transitivo passa a

inergativo, quando o objeto direto é incorporado à raiz transitiva. O fenômeno da inergatividade em Tenetehára fica particularmente evidenciado pela derivação proposta a seguir em que se busca mostrar a formação do verbo complexo “limpar-barriga”.

(24a) u-hiw u-piʔa
3-limpar CORR-barriga
“(Ele)⁶ limpou a barriga dele mesmo”.

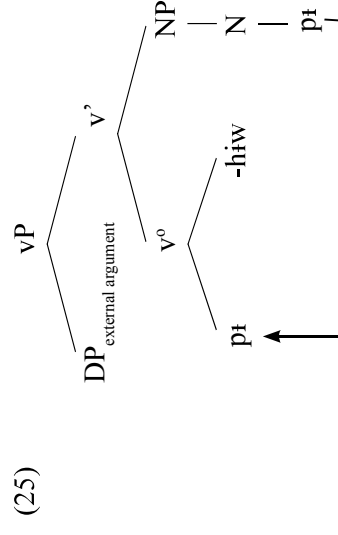
(24b) u-piʔa-hiw t
3-barriga-limpar
“(Ele) limpou (barriga)”.

↓

(24c) u-pi-hiw
3-barriga-limpar
“(Ele) limpou (barriga)”.

Harrison (2007)

Nessa derivação, o objeto *u-piʔa* “barriga dele” se junta à base verbal transitiva, ocasionando com isso perda de material fonológico, de modo que o D/NP *u-piʔa*, quando se incorpora, altera de *-piʔa* para *-pi*. Ademais, é interessante observar que o objeto incorporado não apresenta a flexão de posse, sinalizando com isso que o objeto incorporado deve ser um NP_{nu}. A operação de inergativização do verbo transitivo em (24b) pode ser mais bem compreendida por meio da estrutura sintática delineada em (25).



⁶ É importante salientar que o Tenetehára é uma língua de sujeito nulo, permitindo que o argumento externo do verbo transitivo seja apenas referido no verbo pelo prefixo nominativo de terceira pessoa.

Na próxima seção, investigamos o estatuto do prefixo causativo {*mu-*} em Tenetehára. A proposta que desenvolveremos é a de que esse morfema pode formar construções transitivas a partir de nomes, adjetivos e verbos.

4. Estatuto do prefixo causativo {-*mu*}

Em Tenetehára, observa-se que, em princípio, verbos e nomes podem combinar-se ao prefixo causativo {*mu-*} para gerarem um verbo transitivo. Dessa maneira, com base nos dados empíricos arrolados a seguir, nota-se que esse prefixo possui a propriedade de aumentar a valência de verbos inacusativos e descritivos, transformando-os em predicados transitivos.

INACUSATIVO → TRANSITIVO

- (26a) *u-pirik*
3-gotejar
“(Algo) pinga”.
- (26b) *u-mu-pirik*
3-CAUS-gotejar
“(Alguém) faz (algo) borrifar/molhar com gotas”.
- (26c) *u-mu-pirik-pirik*⁷
3-CAUS-gotejar-RED
“(Alguém) faz (algo) borrifar”.
- ↓
- (26d) *u-mu-piri-pirik*
3-CAUS-gotejar-RED
“(Alguém) faz (algo) borrifar”.
- (27a) *w-apik*
3-sentar
“(Algo) sentou”.
- (27b) *u-mu-apik*
3-CAUS-sentar
“(Ele) fez (a escrita) sentar (no papel)”.

⁷ A diferença entre os exemplos (22b) e (22c) reside no fato de que a reduplicação agrega aspecto iterativo ao verbo em que ocorre.

- (27c) *u-mu-apik teko wa n-emi-apo-kwer paw pape r-ehe*
3-CAUS-sentar gente 3PL ABS-aquilo-fazer-PASS tudo papel -PSP
“(Ele) escreveu no papel tudo o que o povo tinha feito”.

DESCRIPTIVO → TRANSITIVO

- (28a) *i-anaiw*
3-magro
“(Alguém) é magro”.
- (28b) *u-mu-anaiw*
3-CAUS-magro
“(Ele) fez (alguém) magro”.
- (29a) *h-aku*
3-quente
“(Algo) está quente”.
- (29b) *u-mu-aku*
3-CAUS-quente
“(Ele) fez (algo) ficar quente”.
- (29c) *u-mu-aku-putar* ?i nehe
3-CAUS-quente-desejar água FUT
“(Ele) deseja fazer a água ficar quente”.
- (30a) *i-purəŋ*
3-bonito
“(Ele) é bonito”.
- (30b) *u-mu-murəŋ*
3-CAUS-bonito
“(Ele) deu carinho (a alguém)”
[Lit.: “Ele fez alguém bonito”.]

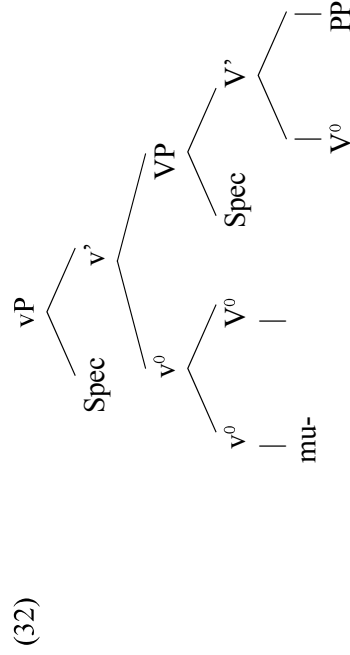
Além das construções acima, em que o prefixo causativo {*mu-*} aumenta a valência de verbos inacusativos e descritivos, existe ainda a possibilidade de este afixo coocorrer com um verbo inergativo, transitivizando-o, conforme se vê pelos exemplos a seguir:

INERGATIVO → TRANSITIVO

(31a) *aʔe w-awak*
3 3-acenar
“Ele acena”

(31b) *aʔe u-mu-awa-awak* *u-kwə*
3 3-CAUS-acenar-acenar CORR-dedo
“Ele acenou o dedo”
[Lit.: “Ele fez o dedo (dele mesmo) acenar”.] Harrison (2007)

Notem que, no dado em (31b), o predicado intransitivo torna-se transitivo, situação que fica evidente pelo fato de que esse verbo projeta o argumento interno D/NP *kwə* “dedo”. Tendo em conta essas ocorrências, defenderemos a idéia de que o prefixo {-*mu*} corresponde, ao final das contas, ao verbo leve causativo cuja acepção é FAZER/CAUSAR/PROVOCAR/MANDAR. Sua função é, portanto, introduzir o evento da causação, de modo a permitir uma leitura bieventiva. Adicionalmente, esse morfema, por ser de natureza afixal, engatilha a elevação do verbo lexical de sua posição de base, interna ao VP, para o núcleo de vP, conforme mostramos pela representação sintática a seguir:



Notem que a configuração sintática acima mostra que, no Tenetehára, o núcleo de vP realiza-se por meio de um morfema causativo, diferentemente do que ocorre no Basco. Nesta língua, o verbo causativo não equivale a um morfema, mas sim a um item lexical pleno, conforme evidencia o dado em (33):

(33) *Nik lan egin dut*
I-Erg work done have-me
“I worked” (I did work).

Na seção seguinte, investigamos o escopo do reflexivo {-*ze*} em contextos de incorporação nominal e em ambientes sintáticos sem a incorporação do objeto. O objetivo é discutir o estatuto gramatical desse morfema no mecanismo de alteração de valência.

5. Escopo do reflexivo {-ze}

Como vimos na seção 3, é possível que um verbo transitivo seja inergativizado na língua Tenetehára. Em tais contextos, quando o objeto incorporado é de natureza [+INALIENÁVEL], aciona-se o morfema reflexivo {-*ze*-} para denotar que o objeto é posse intransferível do argumento externo. Tal expediente gramatical é perceptível pelos exemplos arrolados abaixo.

TRANSITIVO

(34) *u_i-mu-awa-mu-awak* *u_i-kwə* *aʔe*
3-CAUS-acenar-RED-RED CORR-dedo 3
“(Ele) acena o dedo (dele mesmo)”

TRANSITIVO → INERGATIVO

(35) *u-ze-kwə-mu-wa-mu-wak* *aʔe*
3-REFL-dedo-CAUS-acenar- CAUS-acenar ele
“(Ele) fez sinal (com a mão) (sacudindo-a)”
[Lit.: “Ele acenou o seu próprio dedo”.] Harrison (2007)

Vejam que, em (35), o NP *-kwə* “dedo” incorpora-se ao verbo transitivo *mu-awa-mu-awak* “acenar”, provocando com isso diminuição no número dos argumentos projetados na sintaxe pelo verbo. Ademais, o fato curioso é que, para incorporar-se, o argumento interno *u-kwə* “dedo dele” deve perder o prefixo correferencial {*u*-}, situação sintática que sinaliza que o objeto deve ser realmente um NP_{nu}, já que não carrega esse prefixo para dentro da raiz verbal. Outro fato que chama atenção é que, quando o NP_{nu} se incorpora e representa a posse inalienável⁸ do sujeito da sentença, faz-se necessária a

⁸ A *posse alienável* é direito de propriedade adquirido social e economicamente. Em geral, equivale a propriedades comuns em um grupo social, como, por exemplo, casa, rio, bebida, comida etc. Por outro lado, a *posse inalienável* é inata, inerente, não adquirida e não pode ser transferida. Itens representativos dessa classe são boca, nariz, pé, olho, cabelo, orelha etc.

- Linguística

- (43) a-*iwi-kəj*
1-terra-cavar
“(Eu) cavo (terra)”.

Veja que os NPs_{NUS} *-maʔe* ‘coisa’, em (41a), *-ʔi* ‘água’, em (42a), e *-iwi* ‘terra’, em (43), não coocorrem com o morfema reflexivo, porque esses argumentos não carregam o traço semântico [+INALIENÁVEL]. A comparação entre os contextos nos quais ocorre o morfema {ze-}, por um lado, e os contextos em que este prefixo não ocorre, por outro lado, parece reafirmar a nossa hipótese de que a função gramatical principal deste reflexivo é realmente a de denotar que o objeto incorporado possui natureza [+INALIENÁVEL]. Em suma, o paralelo feito entre os contextos nos quais figura o morfema {ze-} e os contextos em o que o morfema reflexivo não ocorre dá sustentação adicional a nossa hipótese segundo a qual a função do reflexivo é a de apontar para o fato de que o objeto incorporado deve possuir o traço [+INALIENÁVEL]. Em outras palavras, esse objeto precisa ser a posse inerente do sujeito da sentença e ser c-comandado por esse sujeito. Com base nestas observações, proporemos a seguinte generalização descritiva:

(44) **FILTRO DE OCORRÊNCIA DO PREFIXO {-ze}**

Só poderemos ter coocorrência do prefixo {-ze} com o objeto incorporado, se e somente se, este NP incorporado for dotado de natureza [+INALIENÁVEL] e for a posse inerente do sujeito da sentença.

Na seção seguinte, analisaremos o escopo do morfema {-ze} em contextos nos quais não ocorre a incorporação do objeto.

6. Escopo de {-ze} em contextos em que não há incorporação do objeto

Podem ocorrer ainda situações nas quais o morfema reflexivo {ze-} indica que o objeto e o sujeito são correferentes. O prefixo {ze-}, nestes contextos, equivale a um item anafórico, o qual está sujeito ao princípio A da Teoria de Ligação¹⁰. Para comprovar essa intuição, arrolamos os exemplos de (45) a (47), nos quais o prefixo {ze-} precisa ter como seu referente o sujeito da sentença.

¹⁰ No âmbito da Teoria Gerativa “uma anáfora tem que estar vinculada em seu domínio de vinculação” (Miotto 2004:229) ou “An anaphor must be bound in a local domain” (Chomsky 1995:96).

- (45) aʔe_i u-ze_i-pin
3 3-REFL-raspar
“Ele se raspa”.
[Lit. “Ele faz a barba”.]
- (46) teko_i u-ze_i-mo-noʔon he-r-əpij ø-pipe¹¹
gente 3-REFL-CAUS-ajuntar minha-POSS-casa C-PSP
“A gente se ajunta dentro da minha casa”.
- (47) aʔe_i re u-ze_i-ʔazuwík kuri
3 depois 3-REFL-enforçar então
“Depois ele se enforcou”.

Em síntese, os exemplos de (45) a (47) apontam para o fato de que a presença do prefixo {ze-} faz emergir o que a literatura técnica denomina de voz reflexiva. Desta forma, nos dados lingüísticos acima, o prefixo {ze-} tem de encontrar no sujeito da sentença o seu antecedente imediato com o qual mantém correferência e por meio do qual o princípio A da teoria de ligação pode ser respeitado.

7. Considerações finais

Neste artigo, mostramos ser possível, em Tenetehára, a inergativização de verbos transitivos, particularmente nos contextos em que o objeto se incorpora ao núcleo do verbo transitivo nas estruturas vP. Além disso, propusemos que o prefixo causativo {mu-} pode ser interpretado como sendo a realização do verbo leve causativo no componente morfológico, cuja função principal é gerar verbos transitivos. Vimos também que a função gramatical do prefixo {ze-}, quando coocorre com o objeto incorporado, é denotar que tal objeto deve ser de natureza [+INALIENÁVEL] e, além disso, precisa ser a posse inalienável do sujeito da sentença. Buscamos, ainda, motivar a hipótese de que a manifestação do morfema reflexivo {ze-}, em contextos de não incorporação, faz surgir a voz medial ou reflexiva.

¹¹ A posposicao *-pupe* “dentro de, com” tem como alomorfe o item *-pipe*.

Referências

- Bobaljik, Jonathan. 1993. Ergativity and ergative unergatives. *Papers on Case and Agreement*, eds. C. Phillips, J. D. Bobaljik, MITWPL, 19: 45-88. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Boudin, Max H. 1966. O simbolismo verbal primitivo. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Presidente Prudente. Departamento de Publicações - Série Ciências Sociais. Presidente Prudente.
- _____. 1966. Dicionário de Tupi Moderno. Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas. São Paulo.
- Castro, Ricardo C. 2007. Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára. Dissertação de Mestrado em Estudos Linguísticos, Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais.
- Chomsky, Noam. 1995. *The Minimalist Program*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Dixon, R. M. W. 1979. Ergativity. *Language* 55: 59-138.
- Duarte, Fábio B. 1997. Análise gramatical das orações da Língua Tembé. Brasília. Dissertação de mestrado, Instituto de Letras/LIV, Universidade de Brasília.
- _____. 2004. Propriedades denotacionais dos prefixos {i-} e {h-} em Tenetehára. *Revista do Gel* 34:1194-1199.
- _____. 2006. Codificação de argumentos e ergatividade (cindida) em Tenetehára. *Revista Liames* 5: 113-145.
- _____. (2007) Estudos de morfossintaxe Tenetehára. Belo Horizonte: Editora da Fale/UFGM.
- Gomes, Mércio P. 2002. O índio na história: o povo Tenetehára em busca da liberdade. Petrópolis: Editora Vozes.
- Hale, Ken, and Samuel Jay Keyser. 1993. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In *The view from Building 20: Essays in honor of Sylvain Bromberger*, Kenneth Hale and Samuel Jay Keyser, eds., pp: 53-109. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- _____. 2002. *Prolegomenon to a theory of argument structure*. Cambridge, Massachusetts: MIT Press.

- Harrison, C., 1986. Verb prominence, verb initialness, ergativity and typological disharmony in Guajajara. *Handbook of Amazonian Languages*, eds. D. C. Derbyshire; G. K. Pullum, 1:407-439. Mouton de Gruyter, Berlin.
- _____. (2007) Arquivo pessoal.
- Laka, I., 1993. Unaccusatives that assign accusative. In: *Papers on Case and agreement I*, eds. C. Phillips, J. D. Bobaljik, MITWPL, 18:149-172. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Levin, B. and Malka Rappaport Hovav. 1995. *Unaccusatives: At the syntax-lexical semantics interface*. Cambridge, Mass.: MIT Press.
- Rodrigues, Aryon D. 1953. Morfologia do Verbo Tupi. *Letras* 1:121-152.
- _____. 1986. Línguas brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas. Rio de Janeiro: Editora Loyola.
- _____. 2001. Alguns problemas em torno da categoria lexical verbo em Línguas Tupi-Guaraní. Estudos sobre Línguas Indígenas, eds. Aryon Rodrigues and Ana Suely A. Cabral, pp. 87-100. Belém: UFPA/GTLI.
- Uribe-Etxebarria, Myriam. 1989. On noun incorporation in Basque and some of its consequences in the phrase-structure. Storrs: University of Connecticut, ms.